

Reflexões sobre registros biográficos: o caso de José de Anchieta

Gilda Carvalho*

Sumário

1. Introdução: sobre a História e o texto biográfico. 2. Uma análise sobre as biografias e seus autores. 3. Considerações sobre como uma biografia constrói um personagem. 4. Anchieta: homem e personagem.

Resumo

José de Anchieta desponta no século XVI como escritor e sacerdote, cujos trabalhos intelectual e missionário foram fundamentais para a consolidação do Brasil. Este texto traz considerações sobre duas de suas biografias, que embora escritas para justificar sua santidade, fazem também ressaltar o ser humano e histórico que foi.

Abstract

Jose de Anchieta rises in the XVIth century as writer and priest, whose intellectual and missionary works had been fundamental for the consolidation of Brazil. This text brings considerations about two of his biographies, which, although written to justify his sanctity, also highlight the human and historical being he was.

Palavras-chaves: História. Colonização do Brasil. José de Anchieta. Biografia. Literatura.

Keywords: *History. Colonization of Brasil. José de Anchieta. Biography.*

1. Introdução: sobre a História e o texto biográfico

O trabalho missionário dos jesuítas no Brasil Colônia estudado com as lentes contemporâneas é, sem dúvida, muitas vezes considerado como controvertido e violento. Contudo, é fato que aqueles padres estiveram presentes na origem de nosso país e, por isso, constituem-se figuras históricas, uns mais proeminentes que outros. Este texto, convida o leitor a um olhar sobre José de Anchieta, que aqui chega

* Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Diretora do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio. Coordenadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio.

em 1553, desembarcando em Salvador e de lá seguiu para trabalhar com Manuel da Nóbrega, na Capitania de São Vicente.

Fundamental para compreender a história daqueles primeiros momentos iniciais da Colônia, tornou-se ao longo dos anos um personagem sobre o qual mais de 100 biografias foram escritas, nas quais vários autores o apresentam como um herói histórico contribuindo para a construção de uma figura grandiloquente, com fama de santidade. Desde o primeiro relato biográfico, escrito imediatamente após a sua morte, até as mais recentes, a tentativa de construção de um grande personagem é facilmente perceptível e essa característica se reproduz em excertos biográficos que compõem outros estudos sobre o jesuíta.

Se por um lado afirma o Pe. Pedro Américo Maia, seu último biógrafo, que *“uma biografia de José de Anchieta não seria completa se esquecesse de documentar aspectos de sua vida que transcendem a compreensão e a ciência humana”* (MAIA, 2004, p. 41), por outro, sua extensa obra literária aponta para diferentes aspectos de sua personalidade. Anchieta escreveu poesia, autos teatrais, sermões e cartas. Seus dons literários já eram percebidos desde os tempos de estudante em Coimbra.

Por fim, é preciso ter em conta que fazer de Anchieta um santo ou um herói à época de sua morte ocorrida em 09 de junho de 1597, tinha ainda um aspecto de extrema importância para a afirmação política e religiosa da Companhia de Jesus. Assim, durante muitos anos, suas biografias, sobretudo aquelas primeiras, contribuíram para disseminar a devoção religiosa que culminou com o reconhecimento de sua santidade pelo Vaticano, em 2014.

O primeiro jesuíta a ser canonizado foi o seu próprio fundador, Inácio de Loyola, em 1622¹. Portanto, quando, em 1597, o Anchieta foi proclamado pela autoridade eclesiástica da Colônia como o “Apóstolo do Brasil” ainda não havia santos jesuítas nos altares da Igreja. Com a morte do Pe. José, aumentaram consideravelmente os já incontáveis testemunhos sobre sua vida simples e dedicada aos outros e os relatos sobre circunstâncias “miraculosas” em que se envolveu. Escrita por Quirício Caxa, sua primeira biografia chega, então, à Europa em 1600, 3 anos após seu falecimento.

Este texto objetiva provocar um diálogo entre primeira biografia com a escrita por Pedro Américo Maia, já em 2004, em pleno século XXI e, portanto, considerando todo o arcabouço que os atuais estudos de História e Literatura oferecem.

2. Uma análise sobre as biografias e seus autores

2.1. Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta, de Quirício Caxa, 1597

O primeiro relato biográfico sobre Anchieta foi escrito por solicitação do Pe. Pero Rodrigues, Provincial Jesuíta do Brasil, que se achava convencido “da conveniência

¹ Inácio de Loyola morreu em 31 de julho de 1556.

de se perpetuar por escrito o elogio fúnebre do grande missionário, que todo o Brasil venerava por suas estupendas virtudes e carismas” (VIOTTI, 1998, p. 7).

Nascido em Cuenca, Castela Nova (Espanha), em 1538, Quirício Caxa entrou na Companhia de Jesus com 21 anos de idade e foi enviado ao Brasil em 1563. Possuía sólida formação intelectual e comunicava-se relativamente bem. Contemporâneo de Anchieta, por duas vezes relacionou-se diretamente com ele. A primeira, entre os anos de 1565 e 1566, quando foi seu orientador nos estudos que antecederam à ordenação sacerdotal do Ir. José. A segunda, quando Anchieta retornou à Bahia para participar da Congregação Provincial de 1592, lá permanecendo por vários meses. Nessa ocasião os dois, já idosos, tiveram oportunidade de conviverem e *edificarem-se mutuamente* (VIOTTI, 1998, p. 13).

A notícia biográfica que escreveu sobre Anchieta recebeu o título completo de *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta, quinto provincial que foi do Brasil*, ficando, contudo mais conhecida como *Breve relação da vida e da morte do padre José de Anchieta*.² Dela existem três cópias manuscritas: uma na Biblioteca do Porto, a segunda nos arquivos da Biblioteca da Ajuda, ambas em Portugal, e a última no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, para onde foi levada em 1600, cujo texto foi o responsável pela difusão da fama de Anchieta na Europa.

A *Breve Relação* já sofreu várias edições. A primeira, na Revista Brotéria, em 1934, feita pelo Pe. Serafim Leite³, SJ, que utilizou os textos existentes nas bibliotecas portuguesas. Após esta edição, outras cinco ocorreram, até a última, que é a utilizada neste estudo, e que foi organizada pelo Pe. Hélio Abranches Viotti, SJ, a partir de um cotejamento entre o texto do Pe. Serafim Leite e os originais existentes no Arquivo da Companhia de Jesus em Roma.

Seu texto tem como fontes principais os depoimentos de contemporâneos de Anchieta, sobretudo os padres, irmãos e noviços da Companhia de Jesus, além da memória do próprio autor. Sobre isso diz o Pe. Serafim Leite:

Escrita pelo Pe. Quirício Caxa conforme as informações muito certas que o Pe. Pero Rodrigues sendo provincial lhe deu por escrito, de padres nossos que com o Pe. José trataram em diversas casas da costa. (LEITE apud VIOTTI, 1998, p.11).

Além disso, é escrito em uma linguagem marcada e intercaladamente literária, considerando os objetivos eclesiais, sendo, assim, repleta de superlativos que exaltam as qualidades do Pe. José. Os destinatários da *Breve Relação* são, inicialmente, os próprios jesuítas, como assevera o Pe. Viotti no prefácio de sua obra: “Dirigia-se aos

² Doravante denominada apenas *Breve Relação*.

³ Serafim Leite (1890-1970) jesuíta, historiador e literato é o autor da “História da Companhia de Jesus no Brasil”, obra de referência nos estudos sobre o Brasil colonial, cuja última edição data de 2004, pelas Edições Loyola (SP).

de sua Ordem para que, com o exemplo do grande morto, *procuremos ser fiéis a Deus e verdadeiros filhos da Companhia*" (VIOTTI, 1998, p. 10, grifo do autor).

Quirício Caxa faleceu apenas dois anos após a escrita da biografia anchietana. As pesquisas apontam que seu texto foi escrito entre junho e agosto de 1598, a partir dos documentos trazidos pelo provincial Pero Rodrigues quando retornou de sua visita ao Sul realizada em fins de 1597 e início de 1598.⁴ Uma qualidade ímpar de seu texto é a proximidade de seu relato com os acontecimentos conferindo-lhe um estatuto de fidelidade à vida de Anchieta, ainda que fosse bastante conhecida pelo autor a intenção da Companhia de Jesus em dar início ao processo de santificação do Pe. José.

2.2. *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, de Pedro Américo Maia, 2004

A biografia escrita por Pedro Américo Maia foi escrita quando já eram decorridos mais de 400 anos daquela primeira. Trata-se de um texto que tem a intenção de divulgar a causa de canonização de José de Anchieta, interrompida algumas vezes ao longo dos quatro últimos séculos. Muito embora não possua qualquer tipo de apresentação, introdução ou prefácio, a edição leva a marca da Associação Pró-Canonização de Anchieta – CANAN, instituição brasileira associada à Companhia de Jesus com finalidade óbvia, em parceria com as Edições Loyola, editora pertencente à Ordem. O compêndio não possui ficha catalográfica. A classificação aposta pela Divisão de Bibliotecas e Documentação da PUC-Rio para o mesmo é *folheto*.

E talvez tenha sido exatamente esta a sua intenção: ser um folheto de fácil distribuição e leitura (tem apenas 48 páginas), ricamente ilustrado, e que se prestasse à retomada e à difusão de uma causa. O texto possui um estilo documental, com claras marcas respectivas à cronologia de Anchieta, da Companhia de Jesus e da colonização do Brasil, além de destacar o esforço dos jesuítas como um todo na ocupação territorial, na formação cultural e na constituição política do Brasil Colônia. Raros são os trechos que possuem algum traço literário ou eclesial.

O jesuíta Pedro Américo Maia nasceu em Juiz de Fora (MG) e ingressou na Companhia em 1944. Foi mestre em Literatura e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Desde 1953 dedicou-se ao estudo e à pesquisa da história dos jesuítas na Província Brasil Centro-Leste, que compreendia os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Pe. Maia foi autor de outros textos biográficos publicados em livro, como, p. ex., sobre São Luiz Gonzaga⁵. Faleceu em 2005, no Rio de Janeiro.

A bibliografia que o Pe. Maia cita como fontes de *José de Anchieta, o apóstolo do Brasil*, é bastante pequena: apenas quatro livros, sendo dois deles os textos escritos por Armando Cardoso e Hélio Abranches Viotti, ambos jesuítas. Os outros dois são um

⁴ Cf. aponta o Pe. Armando Eugênio Cardoso, na introdução que faz ao 1º Volume das Obras Completas publicadas pelas Edições Loyola, quer seja ANCHIETA, J. *De Gestis Mendi di Saa. Poema Epicum*. 1º Vol. Obras Completas. São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 22.

⁵ MAIA, P.A. *Luiz Gonzaga ou a coragem de decidir*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

de autoria de Jorge de Lima e, o outro, sobre os empreendimentos jesuíticos no Brasil. No texto, porém, aparecem citações à biografia escrita por Simão de Vasconcelos, também jesuíta e terceiro biógrafo de Anchieta, ainda na época da Colônia. Da mesma forma, são claras as referências a trechos de cartas escritas por Anchieta, algumas, inclusive, citadas literalmente; contudo, inexistem no texto referências bibliográficas de qualquer espécie sobre tais destaques. Embora a pesquisa documental pareça frágil – o que é imediatamente refutado pela qualidade do próprio texto – há uma menção expressa à sua intenção biográfica. Logo em seu início, o autor deixa claro que pretende relatar a vida de Anchieta, cuja vocação *continua a impressionar religiosos e leigos*. (MAIA, 2004, p. 5). E, explicitamente, introduz o capítulo intitulado “Profecias e Milagres”, dizendo claramente: *“Uma biografia de Anchieta não seria completa se esquecesse de documentar aspectos de sua vida que transcendem a compreensão e a ciência humana”* (MAIA, 2004, p. 41).

O texto chama a atenção pela tentativa de atualização biográfica, ou seja, de relacionar os acontecimentos da vida de Anchieta aos aspectos históricos e políticos que determinaram a construção do Brasil e da Igreja como os entendemos hoje. Obviamente, não passa despercebida a intenção de se exaltar as qualidades de santo encontradas na personalidade de Anchieta, embora sem o exagero dos superlativos empregados por Quirício Caxa.

Porém, ainda que seja um texto cuja linguagem é bastante atualizada, com uma organização de ideias que propicia ao leitor ter um tamanho bastante adequado da estatura dos empreendimentos do jesuíta Anchieta, seu autor é bastante modesto em afirmar aquilo que ainda é necessário um longo caminho para sua canonização definitiva.

Assim, Pe. Maia utiliza expressões como *“há testemunhos da época...”* (MAIA, 2004, p. 41) ou ainda *“Conta-se, também, que teria previsto sua nomeação a Provincial do Brasil anos antes...”* (MAIA, 2004, p. 41), que embora apontem a ocorrência do fato, dissimulam o que realmente aconteceu, deixando claro um recurso usado por historiadores quando não estão totalmente seguros sobre suas fontes ou sobre o que há de realidade em relatos de cunho claramente fantástico (tais como milagres e profecias, no caso de Anchieta).

3. Considerações sobre como uma biografia constrói um personagem

Nos primórdios do Cristianismo, santos eram essencialmente os mártires. Com o correr dos séculos, os membros das primeiras comunidades cristãs empenhados na divulgação dos ensinamentos de Jesus Cristo e suas vidas exemplares os aproximaram dos altares. No século XIV, a ação de padres missionários começou a emoldurar um novo modelo de santidade: era possível ser santo não somente vencendo intempéries, realizando milagres, profetizando ou ainda, em alguns, casos pelo martírio; mas, abriu-se a possibilidade de se atingir a santidade através da realização efetiva de uma ação apostólica de evangelização e conversão, que possibilitassem a adesão de novos membros à Igreja e a salvação de almas.

Neste sentido, a participação da Companhia de Jesus foi de fundamental importância para o resgate da dimensão histórica e terrena da vida dos santos, pois possibilitou que sem os *enfeites fantásticos*, a vida do santo revelasse *em toda a sua singeleza o desenvolvimento progressivo da relação íntima que Deus estabelece com os homens*. (AUGRAS, 2005, p.23)

Sobre a emergência do gênero biográfico percebida no mercado editorial atual, diz Benito Bisso Schmidt, no artigo *Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*:

(...) a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. (SCHMIDT, 1997, s/p)

Ainda que se vivesse uma época marcadamente referenciada pela Igreja Católica e pelos ideais do Cristianismo, isso não significava ausência da necessidade de exemplos virtuosos. Para Serafim Leite, a *Breve Relação* tinha como destinatários primeiros os *“de sua Ordem, para que com o exemplo do grande morto”* (LEITE apud VIOTTI, 1998, p. 10). Assim, não por acaso, o penúltimo e o antepenúltimo capítulos do texto de Quirício Caxa são dedicados às virtudes do Pe. José.

No penúltimo, denominado *“De algumas virtudes que mais se enxergaram no Padre José”*, Caxa faz um relato sistematizado que exemplifica e destaca a oração, a devoção, a caridade, a mansidão, a confiança em Deus, a obediência, a humildade, a pobreza, a castidade, a mortificação e a paciência – virtudes exemplares a um bom cristão que procura viver uma vida de santidade.

No outro capítulo cuida do *“espírito de profecia que parece teve”* (CAXA, 1998, p. 31) no qual relata casos que aproximam as ações do Pe. José às de Jesus Cristo, relatadas nos Evangelhos:

Adoeceu um índio nas aldeias do Espírito Santo por nome José e chegou a tais termos que o julgaram por morto. E as índias se lançaram sobre seu corpo como têm por costume. Ao pranto acudiu um padre e apartando a gente e achando ainda sinal sobre o coração lhe deu a unção. E mandou logo recado ao Pe. José que lhe encomendasse a alma a Deus. Respondeu que já recomendara a Deus e que não morreria daquela. E viveu alguns anos. (CAXA, 1998, p. 33)

Episódio semelhante é o relato evangélico de Mateus, capítulo 9, quando Jesus cura a filha do chefe dos centuriões:

Enquanto Jesus dizia essas coisas para eles, um chefe se aproximou, ajoelhou-se diante de Jesus, e disse: "Minha filha acaba de morrer; mas vem, põe tua mão sobre ela, e ela viverá." Jesus levantou-se e o seguiu, junto com seus discípulos. Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e uma multidão fazendo barulho. Então disse: "Retirem-se, porque a menina não morreu. Ela está apenas dormindo." As pessoas começaram a caçoar dele. Quando a multidão foi afastada, Jesus entrou, e tomou a menina pela mão. Então a menina se levantou. E essa notícia espalhou-se por toda aquela região. (Mateus 9, 18-19.23-25)

Em outro trecho, diz o biógrafo:

Caminhando uma vez com um irmão, se levantou uma tempestade e escuridão que metia medo, com uma nuvem mui negra sobre eles. Disse o padre ao irmão: não hajais medo e confiai em Nosso Senhor que não nos havemos de molhar. E assim foi que chovendo por todas as partes ao redor, eles não se molharam, indo sempre seu caminho. *E o padre disse que o não dissesse a ninguém.* (CAXA, 1998, p. 33, grifo meu)

A determinação de *não contar a ninguém* o evento especial que havia acontecido, também se assemelha a diversos relatos evangélicos nos quais Jesus assevera o mesmo aos discípulos:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: "Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias." Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: "Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz." Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: "Levantem-

se, e não tenham medo." Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: "*Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos.*" (Mateus 17, 1-9, grifo meu.)

Aproximar o Pe. José ao próprio Jesus Cristo, que para o cristão reuniu em si a grandeza da divindade e o limite da humanidade, é conferir-lhe um *status* de exemplaridade e santidade únicos, especiais, e que muito servem ao objetivo de constituição de uma vida exemplar na qual as futuras gerações da Companhia de Jesus deviam espelhar-se. Da mesma forma, dota o Pe. José de atributos que lhe aproximam do divino e do sagrado, significando, portanto, aptidão para a santidade desejada. Além disso, as mortificações do Padre, que andava descalço pelos caminhos, carregando em seu próprio corpo as marcas de uma doença que lhe deformara as costas e lhe consumia em dores aludem à mortificação de Jesus Crucificado. A identificação cristã com seu personagem máximo *pode ser entendida como um consolo contra a fraqueza humana; todos que sofrem anseiam por um final feliz, tão glorioso quanto o final feliz de Jesus Cristo.* (RUCKSTADTER e TOLEDO, 2006, P. 24)

Anchieta foi finalmente reconhecido como Santo em 2014. Não alcançou a comprovação dos 3 milagres exigidos pela Igreja para a concessão desse título, que recebeu pela exemplaridade de sua vida e importância de sua obra apostólica. Certamente para isso contribuíram suas biografias sobre ela, de tal modo que diz o Papa Francisco por ocasião de sua canonização:

Também São José de Anchieta soube comunicar o que ele mesmo experimentara com o Senhor, aquilo que tinha visto e ouvido dele; o que o Senhor lhe comunicava nos seus exercícios. Ele, juntamente com Nóbrega, é o primeiro jesuíta que Inácio envia para a América. Um jovem de 19 anos... Era tão grande a alegria que ele sentia, era tão grande o seu júbilo, que fundou uma Nação: lançou os fundamentos culturais de uma Nação em Jesus Cristo. Não estudou teologia, também não estudou filosofia, era um jovem! No entanto, sentiu sobre si mesmo o olhar de Jesus Cristo e deixou-se encher de alegria, escolhendo a luz. Esta foi e é a sua santidade. Ele não teve medo da alegria. (FRANCISCO, 2014)

4. Conclusão: Anchieta, homem e personagem

A biografia escrita por Quirício Caxa revela-se muito próxima à morte de Anchieta para conter uma abrangência desse nível. Por outro lado, o texto do Pe. Maia, já produzido com a oportunidade de aplicação de um instrumental teórico que

teria lhe permitido uma análise desse tipo, também não contempla essa dimensão e aproxima-se apenas ao panfletário.

O modo de ser de José de Anchieta era moldado pela espiritualidade jesuítica que embora caminhasse paralelamente com a modernidade que surgia, trazida pela Renascença. Assim, esta influência na escrita das primeiras biografias sobre ele é marca da própria complexidade do século em que ele viveu. Contudo, não justifica que sua história não possa ser atualizada e que passe a contemplar a emergência de um ser humano, que um dia se entregou na busca de fazer a vontade do Deus que acreditava, e que descobriu, no trabalho junto aos novos povos e culturas, que aquela é muitas vezes encarnada em situações reais às quais é necessário responder humanamente.

A vida do Apóstolo do Brasil é exemplar não somente pelo que mostra de martírio ou momentos extraordinários, mas, também é modelo pela fidelidade às escolhas feitas, pela negação de necessidades pessoais para atendimento às coletivas, pela coerência de suas atitudes. Portanto, descalço e a pé, como era de seu costume, Anchieta continua a percorrer os caminhos dos estudos literários à espera da sua valorização como o personagem histórico dos tempos em que o Brasil nascia.

Bibliografia

ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi di Saa*. Poema Epicum. *Obras Completas*. 1º Volume. São Paulo, Ed. Loyola, 1970.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro. Pallas, 2005.

CARVALHO, Gilda M.A.R.B. *José de Anchieta: o homem, sua letra e seu engajamento*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. YUNES, E. (orientadora). PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2010.

CAXA, Quirício. Breve Relação da Vida e Morte Padre José de Anchieta. in VIOTTI, H.A. (org.) *Primeiras Biografias de José de Anchieta* – Quirício Caxa e Pero Rodrigues. *Obras Completas*. 13º vol., São Paulo, Edições Loyola, 1998, p. 9-35.

MAIA, P.A. *Luiz Gonzaga ou a coragem de decidir*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. *José de Anchieta o apóstolo do Brasil*. São Paulo. Associação Pró-Canonização de Anchieta e Edições Loyola. 2004.

RUCKSTADTER, F.M.M.; TOLEDO, C.A.A. Análise da construção da figura "heróica" do padre José de Anchieta, in *Cadernos de História da Educação* nº 5 – jan./dez. 2006. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, p. 13-27.

SCHMIDT, Benedito Bisso, Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos, in *Estudos Históricos*, nº 19, Rio de Janeiro. Editora FGV/CPDOC, 1997. s/p.

VIOTTI, Hélio Abranches. "Introdução Geral". In *Sermões*. Pesquisa, introdução e notas do Pe. Hélio Abranches Viotti, SJ. *Obras Completas*, 7º vol. São Paulo. Edições Loyola em convênio com a Vice-Postulação da Causa de Canonização de Anchieta, 1987, p. 5-27.

Sites consultados:

<https://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/>

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies>